

INCLUSÃO SOCIAL NA CIBERCULTURA: PROCESSOS DE LETRAMENTO E INTERAÇÃO DE LINGUAGENS

Cristina Aurélia Rezende Ozório (UEG)

Mestranda, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis (GO) – crisaurelia@gmail.com

Débora Cristina Santos e Silva (UEG)

Professora do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, Anápolis (GO) – desants@uol.com.br

Introdução

É no convívio e no hábito de ler e escrever, dentro de um contexto social, que a apropriação das técnicas de leitura e escrita ganha sentido para a vida do indivíduo. Buscar um jornal ou livro para ler, frequentar bancas de revistas, bibliotecas tradicionais ou virtuais, *sites* e *blogs* informativos é obter, com esse convívio efetivo com a leitura, uma apropriação do sistema de escrita. Sendo assim, pode-se questionar: que tipo de relações, processos e interações têm integrado a vida dos indivíduos da sociedade contemporânea? E como isso tem contribuído para o desenvolvimento educacional?

Esta pesquisa busca, portanto, desenvolver estudos relacionados a essa problemática, abordando concepções acerca de sociointeracionismo, dos processos de aprendizagem, do letramento, dos ambientes virtuais e da cibercultura, considerando os novos gêneros de texto e perfis de leitores advindos do ciberespaço. Tais estudos apóiam-se em pesquisadores como Pierre Lévy, Lúcia Santaella, Roxane Rojo, Ângela Kleiman, Darci Raiça e L. S. Vygotsky.

Os contextos de aprendizagem da sociedade moderna estão permeados pelas tecnologias. A palavra tecnologia vem da junção grega de *téchne*, que tem como significado arte e destreza, e *logos*, que se refere a estudo e ciência. Portanto, tudo o que envolve a aplicação dos conhecimentos científicos na solução de problemas para ajudar o homem a viver melhor se refere à tecnologia (RAIÇA, 2008, p.25), seja ela digital ou não.

Com o advento dessas tecnologias, e mais recentemente da cibercultura, o letramento tem ocorrido de várias formas, numa relação de trocas entre sociedade, cultura e suas tecnologias. Palavras ou textos deixam de ser apenas um agrupamento de letras, podendo adotar um conjunto de recursos e linguagens, a exemplo de músicas, desenhos, vídeos, gráficos, tudo em um mesmo espaço, mas em configurações múltiplas, graças à convergência de mídias, no contexto das telecomunicações e da informática.

Aliada a essa tendência da cibercultura, atuais concepções sobre letramento e leitor imersivo também contribuem para traçar o perfil dos novos

leitores da sociedade contemporânea. Kleiman (2006) afirma que a concepção de letramento não o limita aos eventos e práticas comunicativas mediadas pelo texto escrito, isto é, práticas que envolvem de fato ler e escrever. Para ela, o letramento também está na oralidade, uma vez que, em sociedades tecnológicas como a nossa, o impacto da escrita é de largo alcance. Assim, esclarece a autora que

uma atividade que envolve apenas a modalidade oral, como escutar notícias de rádio, é um evento de letramento, pois o texto ouvido tem as marcas de planejamento e lexização típicas da modalidade escrita. (KLEIMAN, 2006, p. 182).

Portanto, letramento e tecnologias se relacionam diretamente. Lucia Santaella (2004), em sua visão fenomenológica, percebe uma sociedade marcada pela existência de três tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo, sendo este último o leitor virtual, cibernauta, imersivo porque começa a interagir nos espaços incorpóreos da virtualidade. Nesses espaços, a linguagem utilizada é denominada hipermídia, e é através dela, no momento em que interage e navega entre nós e nexos do ciberespaço (hipertextos), que o leitor imersivo alcança transformações perceptivo-cognitivas, que vão bem além da leitura e da escrita.

Assim, são essas novas formas de perceber o mundo, de lê-lo e nele interagir que têm motivado a investigação desta pesquisa inicial, que esperamos ser relevante como base inicial de estudos sobre cibercultura, letramento, linguagens e inclusão social, no desenvolvimento pesquisas posteriores.

Objetivos

Os processos tradicionais de aprendizagem estão se tornando, de certa forma, obsoletos, em função de uma série de fatores como a necessidade de renovação dos saberes, a nova configuração do mundo do trabalho e o próprio ciberespaço, que suporta tecnologias intelectuais que amplificam,

exteriorizam e modificam as diversas funções cognitivas humanas.

Investigar como se dá a inclusão ou não de indivíduos/alunos no contexto da cibercultura, a partir de inovações nos processos de leitura, escrita, linguagem e do desenvolvimento da aprendizagem, consideradas as oportunidades de acesso a ela dentro e fora da escola, fazem-se objetivo central desta pesquisa.

Metodologia

O primeiro passo dessa pesquisa visa intensificar a fundamentação teórica sobre os diversos autores que discorrem sobre a temática proposta por meio de teorias pedagógicas, como L. S. Vygotsky, Darci Raíça, Roxane Rojo e Kleiman, aliados aos conhecimentos e pesquisas de cunho tecnológico de autores como Pierre Lévy, Lucia Santaella e Mirza Seabra Toschi e Débora Silva. Além da análise de material bibliográfico impresso e digital, serão estabelecidas relações de comparação e complementação entre as ideias dos autores analisados.

Posteriormente, a teoria obtida será aplicada e avaliada em sala de aula, mediante pesquisa etnográfica, de caráter qualitativo, por meio de aulas de Língua Portuguesa ministradas em turmas específicas do ensino fundamental e médio, do ensino regular.

É importante ressaltar que a pesquisa visa trabalhar com a inclusão social em sala de aula, numa perspectiva bem maior que vencer preconceitos e valores, estabelecendo as condições adequadas ao processo de inclusão daqueles que têm dificuldades em compreender e participar dos processos de letramento e interação de linguagens, em especial no ciberespaço.

A última etapa consistirá na elaboração e aplicação de questionários sobre a culminância da proposta. A população escolhida para participar desta pesquisa compreende, até o presente momento, alunos inseridos em contextos de letramento e cibercultura.

Revisão de Literatura

Segundo Lévy (1999), fatores como a grande velocidade das inovações tecnológicas, as constantes mudanças no mundo do trabalho e a proliferação de novos conhecimentos demonstram que os modelos tradicionais de ensino são questionáveis, uma vez que enfatizam apenas a transmissão dos saberes. Lévy (2000, apud RAIÇA, 2008, p. 29) considera que as mudanças tecnológicas provocam, em geral, três tipos de atitudes: a resistência, a adaptação e a criação. Para esse

filósofo, a tecnologia deve possibilitar a criação e a melhoria contínua da inteligência humana.

Para o autor, a cibercultura prefere sempre a conexão ao isolamento, é um bem em si, e não deve ser entendida como determinante da sociedade, e sim condicionante, visto que ela é produzida dentro de uma cultura, e se desenvolve em velocidade e sentido utilitário tais que acaba condicionando os indivíduos. Assim, “dizer que a técnica condiciona significa dizer que abre algumas possibilidades, que algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser pensadas a sério sem sua presença”. (LÉVY, 1999, p. 25).

O acesso cada vez maior do ciberespaço a estudantes e professores, segundo Lévy (1998), possibilita que esses atores sociais encontrem amplas oportunidades de letramento e aprendizagem. A educação deve se preparar para a nova configuração do universo do trabalho, em que se faz presente o caráter educativo ou formador de outras atividades sociais, que não somente as instituições formais de ensino. Daí a importância do letramento, haja vista que, diferente da alfabetização, trata-se de um processo social que se realiza por toda a vida.

Vygotsky (1998), em sua visão sociointeracionista, defendia a linguagem (falada) como instrumento fundamental de mediação entre o indivíduo e a sociedade, e afirmava que foi quando o homem criou os instrumentos é que se deu realmente início à sociedade. Voltando essa análise para os dias atuais, Toschi (2011) expõe que o exercício da comunicação é marcado pelas condições sociais e culturais dos receptores. Assim, a sociedade está cheia de alunos que dominam as tecnologias e a linguagem midiática, mas muitos professores se recusam a incorporá-las. Ela afirma: “É preciso buscar a mediação nas relações que os estudantes estabelecem, com as informações disponíveis na virtualidade, via dispositivos eletrônicos” (TOSCHI, 2011, p. 118).

Santaella (2004), ao trabalhar o leitor dos espaços virtuais em níveis de imersão prática (novato, leigo e experto), mostra que as habilidades de leitura nesses ambientes, assim como são em outros contextos, só são adquiridas por meio da prática e do desenvolvido do conhecimento adquirido, num aprendizado que é um tanto mais rápido, quanto mais envolve a automatização das inferências mentais e das ações perceptivas e motoras, por meio da força do hábito. Assinala a esse respeito Silva (2012, p. 196) que “a textualidade eletrônica instaura um processo de reversibilidade que dinamiza e enriquece ao infinito o ato próprio de leitura”.

Considerações finais

Por englobar temas que fazem parte do dia a dia de tantos professores e pesquisadores em geral, dada a emergência do ciberespaço, com suas formas híbridas e seu poder atrativo, capaz de gerar leituras, interações e experiências de letramento antes desconsideradas, os estudos aqui relatados têm sido relevantes e motivadores de pesquisas complementares, a serem desenvolvidas posteriormente.

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora, Professora Dra. Débora Cristina Santos e Silva.

Referências

RAIÇA, D. (Org.); SNDIM, A. S. de A. [et al.]. *Tecnologias para a educação inclusiva*. São Paulo: Avercamp, 2008.
KLEIMAN, A.B. Ação e mudança em sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In:

ROJO, Roxane(Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

LÉVY, P. *Cibercultura*; tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo. Ed. 34. 1999.

_____. *O que é virtual?* Trad. *Qu' est- ce le virtuel?* 1998. Documento em PDF. (on-line).

SANTAELLA, L. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, D.C.S. Pesquisa e mediação pedagógica na cibercultura...In: SUANNO, M; RAJADELL, N. Didática e formação de professores. Goiânia: CEPED, PUC-GO, 2012.

TOSCHI, M.S. CMDI-Comunicação mediada por dispositivo indutor: elemento novo nos processos educativos. In: LIBÂNEO, J.C.

VIGOSTSKI, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. COLE, Michael et al.(Org.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.